



O conceito de liberdade transcendental na Crítica da Razão Pura.

Pedro Gallina Ferreira.

Resumo

O projeto expõe e analisa o conceito kantiano de liberdade transcendental tratado na Crítica da Razão Pura. Espera-se, com base em distintas leituras de comentário, chegar a um quadro geral, onde se possa encontrar uma amostragem das várias implicações e discussões acerca do conceito estudado. Desenvolve-se um quadro geral de problemáticas, de modo que, ao final, se responda o que é e o que demanda o conceito de liberdade transcendental.

Palavras-chave:

Liberdade - Razão pura - Kant.

Introdução

Introduzida no capítulo referente às antinomias da razão pura na Dialética Transcendental, a liberdade transcendental aparece em contrapartida à causalidade natural, onde do seu choque conclui-se que são igualmente válidas e verdadeiras, o que coloca a razão em um estado de constante conflito e contradição. Para melhor compreender o quadro que aqui se desenha, deve-se perguntar: i) como se chegou a tal conflito; ii) o que ele implica para a razão; iii) se e como é possível sua resolução; iv) o que é a liberdade transcendental; v) qual o seu papel na primeira Crítica. Para tanto, retomam-se as conclusões retiradas da Estética e da Analítica Transcendental, tendo em vista as implicações da Doutrina do Idealismo Transcendental. Pode-se desta última pontuar: a) existem estruturas transcendentais que possibilitam e condicionam de certa maneira todo o conhecimento humano; b) a partir disso, diferenciam-se os objetos (*Gegenstände*) duplamente, entre aquilo que aparece aos sentidos e é por eles regrado – chamado fenômeno (*Erscheinung*) – e aquilo que é em si mesmo e não se dá na intuição sensível do sujeito – chamado coisa em si (*Sache an sich*); c) ao Entendimento proceder na síntese das representações sensíveis, ele deve ser capaz de referir-las a um conceito, de modo que tal referência se torne a pedra de toque (*Probierenstein*) de todo conhecimento que se pretenda válido. Tendo em vista ainda as análises kantianas procedidas na Introdução da Dialética Transcendental, soma-se aos itens anteriores: d) detendo dois usos possíveis, a Razão enquanto faculdade que lida com princípios e refere-se aos conceitos do Entendimento, sendo tais o uso lógico e o uso puro; e) a Razão deve limitar-se ao seu uso lógico, de maneira a estabelecer relações lógico-silogísticas em referência aos conceitos do Entendimento; f) a Razão cria ideias transcendentais (conceitos vazios de referência sensível) ao estender-se ao seu uso puro, de onde advêm as questões emblemáticas da metafísica tradicional. Uma certa procedência natural da Razão humana conduz esta nas ideias transcendentais, que geram conflitos insolúveis para ela. O conflito emblemático para esta pesquisa é aquele dado pela Terceira Antinomia, já narrado acima, onde as proposições de cada lado são tanto verdadeiras quanto falsas. Sendo possível a solução da antinomia, na medida em que se parte de uma ótica distinta, após o conflito da razão consigo mesma ser identificado e dado solução, pode-se reconstruir o percurso argumentativo kantiano, e chegar ao tratamento do conceito de

liberdade transcendental no final da Dialética Transcendental.

Resultados e Discussão

Ao cabo desta pesquisa pôde-se inteirar acerca dos debates e problemáticas relativos ao conceito estudado – quais sejam estes, brevemente: há ou não uma compatibilidade entre o texto do Cânon da Razão Pura e da Dialética em relação aos conceitos de liberdade transcendental e prática?; qual a relação entre os dois conceitos de liberdade na primeira Crítica de Kant?; quais os seus papéis aí?; de que modo a teoria moral aí desenvolvida se relaciona com aquela de escritos morais posteriores?. Através da leitura de Kant e de comentadores, foi possível melhor esboçar o que se entende por liberdade transcendental em um amplo quadro interpretativo, assim como pôde-se notar principalmente: i) que todos os comentadores escapavam aos limites da Crítica da Razão Pura para dar um parecer às problemáticas; ii) todos os comentadores, perguntando-se pelos conceitos de liberdade na primeira Crítica se viam tentados a tomá-lo como sistemático na obra de Kant, indagando por um sistema da filosofia moral deste.

Conclusões

Pode-se dizer, de acordo com o texto da Dialética Transcendental, que a liberdade transcendental é um objeto passível de ser pensado sem contradição com a causalidade natural do mundo. Para tanto, deve-se compreendê-la de acordo com distintos pontos de vista: i) fenômeno; e ii) coisa em si. Para cada destes, atribui-se um caráter: i) empírico; e ii) inteligível. Para estes, por sua vez, atribui-se uma definição: i) positiva (espontaneidade); ii) negativa (independência das condições causais da natureza). Deve-se ressaltar que ao solucionar a antinomia, não se pretende provar nem a realidade nem a possibilidade da liberdade em geral, estabelecendo apenas que: i) a antinomia é baseada numa ilusão natural da razão; ii) natureza não contradiz a causalidade por liberdade. Portanto, o papel da liberdade transcendental aí é apenas enquanto: i) ideia regulativa; ii) conceito problemático.

Agradecimentos

Agradeço imensamente ao professor orientador desta pesquisa, Daniel Omar Perez, pelo direcionamento e encorajamento aos estudos filosóficos, e ao CNPQ e SAE-UNICAMP, pelo fomento financeiro e a oportunidade de ingresso no âmbito de discussão acadêmica.